

## Editorial

A pergunta pelo intolerável traça as fronteiras éticas em todas as culturas. Nenhum povo constitui-se com base na total permissividade. É justamente a média entre o tolerável e o intolerável que determina os povos.

O Ocidente ousou criar uma nova forma de colocar em relação estes termos essenciais. A história de autoconstituição da cultura ocidental é a história da criação de uma fronteira móvel quanto ao tolerável. Neste novo enfoque, intolerável é somente o que tende a constituir barreiras para o exercício do tolerável.

Esta compreensão, que ganhou uma formulação clássica sob o tema da tolerância justamente durante as guerras de religião na Europa, na passagem dos séculos XVII para XVIII, tornou-se objeto de pesquisa de um projeto em curso na Escola Superior de Teologia.

Porque móvel, a fronteira do tolerável no Ocidente constitui-se sempre de novo a partir de coordenadas altamente complexas, gerando dinâmicas inesperadas. A pesquisa se faz a partir de interesses éticos e também metodológicos. De um lado, permanece sempre aberta a pergunta pela melhor forma de ler as constituições de sentido que a fronteira móvel do tolerável engendra. De outro lado, a reflexão ética persegue a trilha das possíveis aplicações do saldo desta pesquisa.

Aqui está reunida uma mostra das primeiras aproximações ao tema no bojo deste projeto e também através da contribuição de amigos/as cujas pesquisas estão em referência cruzada com a deste projeto.

O primeiro texto é de Valério Guilherme Schaper que traz reflexões a partir de Voltaire e seu *Tratado sobre a Tolerância*. O autor pauta a discussão a partir de dois

Jeans: Jean Calas (1762) e Jean Charles de Menezes (2005). Ambas histórias são marcadas por uma cruel intolerância. Com a crítica de Voltaire, o autor aborda o fundamentalismo presente nas religiões. Voltaire aponta para a necessidade da tolerância, “apanágio da natureza” conforme a razão, perguntando pela essência da religião. Tais considerações evocam a tolerância como assunto de discussão para os dias atuais.

No texto seguinte, Mário Miranda Filho expõe sua preocupação com a intolerância como manifestação perversa. “Ser intolerante é instituir uma identidade (de Ego, de grupo), com o propósito de negar ao outro sua humanidade, sua dignidade”. O autor retrata a tradição filosófica que edificou a defesa da liberdade e da tolerância, entrecruzada com outras disciplinas, em especial, a história e a religião. O texto traz a tensão entre a realidade e a teoria a partir de duas histórias: a da pensadora Irshad Manji e a da refugiada Ayaan Hirsi Ali, esta última apresentada por Espinosa. Por fim, aponta para a necessidade de valorizar a reflexão teórica capaz de dar conta do relativismo, a fim de tentar “desmontar os mecanismos engenhosos” da “máquina de exclusão” da intolerância.

O terceiro texto tem por título *Tolerância Repressiva*, de autoria de Herbert Marcuse (1898-1979), e foi traduzido para o português a partir da versão inglesa disponibilizada na Internet por Harold Marcuse, o qual cordialmente autorizou a publicação desta tradução nesta revista eletrônica (agradecemos desde já). Situando o contexto do liberalismo, Marcuse coloca em cheque a compreensão de tolerância. O autor afirma que tolerância requer intolerância frente a opiniões e atitudes devido às políticas predominantes. Tolerância apresenta-se como uma “meta partidária, uma prática e uma noção libertária subversiva”, como em suas origens, no começo do período moderno. Dissonante das “coisas bonitas” que a palavra tolerância evoca, tolerância está servindo a causa da opressão.

Já Kathlen Luana de Oliveira coloca em discussão os desafios da tolerância dentro da trajetória do protestantismo. Evidencia que o protestantismo surgiu a partir de um espírito profético, mas ironicamente, na história, o ideal libertário se torna uma instituição repressora. A partir de uma leitura da obra de Rubem Alves, *Dogmatismo e Tolerância*, percebe-se que grande parte dessa ironia se deve a manutenção da reta doutrina como unidade institucional. O espírito profético, especialmente quando crítico e autocrítico, impulsiona uma compreensão de tolerância engajada na luta contra as injustiças. Tolerância evidencia divergências, evidencia a diversidade e não pode compactuar com ideologias repressivas, discriminatórias e exclusivistas. Assim, Rubem Alves aponta para o resgate do espírito profético e para o diálogo com o catolicismo para a edificação da tolerância.

O texto seguinte é da autoria de Clemildo Anacleto da Silva e traz uma análise de documentos históricos que colaboraram no desenvolvimento do pensamento relacionado à liberdade e ao exercício da prática religiosa dentro da perspectiva dos Direitos Humanos. O autor destaca artigos e menções que cooperaram tanto para a tolerância quanto para a intolerância religiosa e ressalta a necessidade do reconhecimento e o respeito das diferenças como ato imprescindível para o exercício da tolerância e a obrigação do Estado em garantir através da educação e da legislação um tratamento igualitário e digno a todos os seres humanos. Para o autor, a intolerância é uma “questão de justiça”.

Thyeles Borcarte Schleihow realiza uma leitura da obra *Pedagogia da Tolerância*, uma obra com reflexões e de diálogos de Paulo Freire sobre o respectivo tema. O autor descreve como Paulo Freire combina sua compreensão e sua prática pedagógica com a questão da tolerância e como a presente obra contribui para a construção epistemológica da paz e da tolerância. Para Paulo Freire, a tolerância é *virtude da convivência humana*. Isso significa conviver com o diferente em uma perspectiva dialógica, em cumplicidade, com vistas à cidadania.

O último texto desta edição é da autoria de Iuri Andréas Reblin e aborda o tema da tolerância na trilogia cinematográfica dos super-heróis mutantes conhecidos como *X-Men*. O autor apresenta os conceitos antropológicos de evolução, alteridade e preconceito como obstáculos para o exercício da tolerância e indica a necessidade de uma interconexão entre as diferentes esferas sociais para a garantia da convivência pacífica entre os seres humanos. Por fim, o texto aponta para a prática do amor, segundo a compreensão do teólogo Søren Kierkegaard, como engrenagem-mestre de uma convivência tolerante e eqüitativa.

A todos o nosso muito obrigado. Que a pesquisa avance e que seu produto seja um serviço à defesa da dignidade inalienável do ser humano.

São Leopoldo, abril de 2007.

Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper  
Kathlen Luana de Oliveira